



Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Uma ética da ausência: um estudo sobre a categoria *pobreza* nas pesquisas em Artes Cênicas brasileiras

Gilberto Icle

Para citar este artigo:

ICLE, Gilberto. Uma ética da ausência: um estudo sobre a categoria *pobreza* nas pesquisas em Artes Cênicas brasileiras. *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 47, jul. 2023.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573102472023e0203>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Uma ética da ausência: um estudo sobre a categoria *pobreza* nas pesquisas em Artes Cênicas brasileiras¹

Gilberto Icle²

Resumo

Este texto partiu de uma pesquisa que buscou analisar as relações entre pobreza e performance. Explorou-se, neste artigo, a produção brasileira em Artes Cênicas sob a forma de artigos em periódicos de alto impacto para analisar a presença ou não dos marcadores *pobreza* e *pobre* como forma de identificação dos contextos nos quais vivem os e as participantes das pesquisas. Problematizou-se, assim, o discurso neoliberal sobre as situações de pobreza. Concluiu-se, por fim, que a ausência de tais marcadores na produção brasileira em Artes Cênicas constitui uma espécie de ética, um cuidado das pesquisas para com os e as participantes, visto os perigos de inscrição discursiva das categorias *pobreza* e *pobre* com possíveis efeitos negativos ou constrangedores para os e as participantes.

Palavras-chave: Pesquisa em Artes Cênicas. Ética. Pobreza. Performatividade. Discurso.

¹ Revisão de português realizada por Edson Leonel de Oliveira, graduado em Gestão Pública, com pós-graduação em Revisão de Textos. Ele é revisor da Revista Brasileira de Estudos da Presença e da Revista Educação & Realidade.

² Pós-doutorado na Université La Sorbonne Nouvelle Paris 3, 2017-2018. Pós-doutorado na Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis, 2010-2011 (Bolsa CAPES). Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Educação pela UFRGS. Graduação em Artes Cênicas – Licenciatura pela UFRGS. Professor titular no Departamento de Ensino e Currículo e professor permanente no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Editor-chefe da Revista Brasileira de Estudos da Presença (www.seer.ufrgs.br/presenca). Pesquisador associado na Maison des Sciences de L'Homme Paris Nord e no Centre de Recherche Interdisciplinaire sur le Monde Lusophone, na França. Foi professor visitante na Université Paris Nanterre, França (Bolsa CAPES-Print), 2019-2020.

 gilbertoicle@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/2227456713763579>

 <https://orcid.org/0000-0001-7961-4782>



An ethics of absence: a study on the *poverty* category in research on Brazilian Performing Arts

Abstract

This article was based on research that sought to analyze the relationship between poverty and performance. In this article, Brazilian production in Performing Arts was explored in the form of articles in high-impact journals to discuss the presence or absence of poverty and poor markers as a way of identifying the contexts in which research participants live. Thus, the neoliberal discourse about situations of poverty was problematized. It was concluded, finally, that the absence of such markers in the Brazilian production in Performing Arts constitutes a sort of ethics, a kind of care of the researches towards the participants, considering the dangers of discursive inscription of the categories poverty and poor with possible negative effects or embarrassing for the participants.

Keywords: Performing Arts Research. Ethic. Poverty. Performativity. Discourse.

Una ética de la ausencia: un estudio sobre la categoría de *pobreza* en la investigación sobre las Artes Escénicas Brasileñas

Resumen

Este texto se basó en una investigación que buscó analizar la relación entre pobreza y performance. En este artículo se ha explorado la producción brasileña en Artes Escénicas en forma de artículos en revistas de alto impacto para analizar la presencia o ausencia de marcadores como *pobreza* y *personas pobres* como una forma de identificar los contextos en los que viven los participantes de la investigación. Así, se problematizó el discurso neoliberal sobre las situaciones de pobreza. Finalmente, se concluyó que la ausencia de tales marcadores en la producción brasileña en Artes Escénicas constituye una especie de ética, un cuidado de las investigaciones hacia los participantes, considerando los peligros de inscripción discursiva de las categorías pobreza y pobre con posibles efectos negativos o vergonzoso para los participantes.

Palabras-clave: Investigación en Artes Escénicas. Ética. Pobreza. Performatividade. Discurso.



Este artigo é resultado parcial de uma pesquisa mais ampla sobre as relações entre Pobreza e Performance³ e procura realizar uma revisão não sistemática da produção brasileira, analisando a presença ou não do marcador pobreza na divulgação de pesquisas originais sob a forma de artigos em periódicos de alto impacto no campo das Artes Cênicas.

A noção de pobreza aludida nesta pesquisa não pode ser confundida com a de miséria (ou extrema pobreza). Além disso, não devo problematizar tal conceito, complexo e multifacetado, a partir da ideia de *linha*, por intermédio da qual muitas políticas públicas de combate à pobreza no mundo separam, consoante o marcador da renda, quem é pobre de quem não o é. A chamada *linha da pobreza* marca, assim, um parâmetro baseado na renda. Pessoas que ganham menos do que x são consideradas em pobreza extrema; entre x e x_1 , como pobres; e, acima de x_1 , não pobres.

Para evitar compreender a pobreza apenas em função do marcador econômico, e classificar as pessoas pobres por uma linha, tomo duas ideias contemporâneas de pobreza, como ver-se-á a seguir. A primeira, de pobreza *multidimensional*, que ajuda a pensar a pobreza não a partir de ângulos determinados ou de acordo com um único critério, mas em conformidade com o resultado de visões distintas e múltiplas, portanto tomando a pobreza como “[...] um fenômeno multidimensional em que [existe] falta do que é necessário para o bem-estar material” (Crespo; Gurovitz, 2002, p.11). A segunda, por sua vez, provém dos estudos do economista indiano Amartya Sen (2000, p.120), que considera a situação de pobreza como “privação das capacidades”. Nesse sentido, estar em situação de pobreza não significa apenas “baixo nível de renda, que é o critério tradicional de identificação da pobreza” (Sen, 2000, p.120), mas um conjunto de fatores que agem em tais situações para restringir as capacidades (e, dir-se-ia, os direitos), produzindo então vulnerabilidades e exclusão.

Não obstante tais acepções, o senso comum e boa parte dos discursos que

³ Esta pesquisa e os resultados aqui apresentados contaram com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações do Brasil; e da Fundação de Amparo à pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs). Tal pesquisa faz parte da Rede Internacional de Estudos da Presença, coordenada pelo Grupo de Estudos em Educação, Teatro e Performance, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul www.ufrgs.br/getepe.



circulam, em relação à pobreza, tendem a entendê-la segundo uma perspectiva neoliberal, cuja prática discursiva está assentada na ideia de fracasso pessoal, de falta de iniciativa, de preguiça. Sendo assim, a pobreza implica vergonha, sentimento de perda e desorientação e, ainda, situação fixa, sem muita possibilidade de mudança.

Ao considerar as concepções mais elaboradas e confrontá-las com o senso comum, esta pesquisa procura, antes de tudo, verificar como a produção brasileira em Artes Cênicas concebe as situações de *pobreza* nas pesquisas que veicula.

Uma análise de um conjunto de artigos, levantados a partir de determinados critérios (descritos a seguir), revela a ausência do marcador *pobreza* na produção em Artes Cênicas observada.

Neste texto, exploro a possibilidade de pensar tal ausência não como uma lacuna, falha ou erro, mas como uma atitude ética de pesquisadores e pesquisadoras, haja vista a concepção neoliberal do termo *pobreza* e seus correlatos, como *situação de pobreza*, *pessoas pobres* etc., sob um viés depreciativo.

A concepção de pobreza requer uma reflexão mais apurada, na tentativa não apenas de concebê-la para fora do que o neoliberalismo traçou como pobreza, mas para efetivamente contribuir para sua superação.

O corpus analisado: critérios e procedimentos

A análise aqui apresentada partiu da exploração da produção brasileira sob a forma de artigos em periódicos, em função da importância que essa modalidade de publicação possui para o avanço da pesquisa. Assim, realizei um recorte da produção para elencar os artigos compatíveis a meu propósito.

O *corpus* de análise, com efeito, neste trabalho, corresponde à produção veiculada em três periódicos de alto impacto no campo das Artes no Brasil. Parti da lista de periódicos classificados como A1 pelo Qualis CAPES (2017-2020) e, desses, escolhi aqueles que em seu escopo e linha editorial aceitam trabalhos do campo das Artes Cênicas, exclusivamente ou como uma das possibilidades dentre outras áreas de Artes. Esse primeiro recorte resultou em 12 periódicos listados.



Procurei reduzir essa lista apenas àqueles periódicos que divulgam seu perfil no Google Acadêmico e que possuem um índice i10 acima de 20 pontos.

O índice i10 é calculado pelo Google Acadêmico considerando apenas os artigos que possuem, no mínimo, dez citações. O índice é o resultado, portanto, do número de citações que os artigos com mais de dez citações de determinado periódico receberam desde sua veiculação.

Como meu propósito aqui é o de uma revisão não sistemática, o índice i10 se mostrou relevante para determinar a produção de maior impacto na área, representada pelas revistas que possuem índice i10 mais elevado, logo, aquelas que possuem mais artigos citados. Esse critério confirmou-se adequado à medida que, em minha análise dos artigos selecionados, pude perceber que consistiam em pesquisas de qualidade e com contribuições para a área, como adiante se verá.

A Tabela 1 evidencia os três periódicos selecionados para a análise e seus respectivos índices i10.

Tabela 1 – Síntese dos periódicos considerados na amostra com índice i10 acima de 20 pontos

Título	ISSN	Índice i10
Revista Brasileira de Estudos da Presença	2237-2660	55 ⁴
Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas	2358-6958	47 ⁵
Revista DAPesquisa	1808-3129	29 ⁶

Fonte: Elaboração do autor.

O trabalho de perscrutar o já dito sobre as relações entre o campo das Artes Cênicas e o termo *pobreza* foi realizado por meio do emprego da ferramenta de busca disponível, em cada periódico, a partir das palavras *pobreza* e *pobre*. Como

⁴ Pode-se acessar o perfil desse periódico no Google Acadêmico por intermédio de seu site ou clicando em: [Revista Brasileira de Estudos da Presença](#).

⁵ Pode-se acessar o perfil desse periódico no Google Acadêmico por intermédio de seu site ou clicando em: [Urdimento](#)

⁶ Pode-se acessar o perfil desse periódico no Google Acadêmico por intermédio de seu site ou clicando em: [Revista DAPesquisa](#)

tais marcadores estão praticamente ausentes da produção, visto a constatação de que quando recuperados indicam outros usos do termo, não necessariamente ligado à descrição do contexto em que vivem os(as) participantes da pesquisa, inclui termos relacionados, quais sejam, *precariedade* e *vulnerabilidade*. Como já mencionado, as palavras pobreza e pobre, assim como as expressões correlatas, pessoas *em situação de pobreza* ou *pessoas pobres*, estão praticamente ausentes da produção investigada.

Tabela 2 – Quantidades de artigos recuperados, em cada periódico considerado, segundo cada marcador

Revista	Pobre	Pobreza	Vulnerabilidade	Precariedade
Revista Brasileira de Estudos da Presença	1	1	2	1
Revista DAPesquisa	0	4	5	5
Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas	7	1	8	5

Fonte: Elaboração do autor.

Nos 40 artigos listados, como mostra a Tabela 2, havia algumas repetições, resultando em 37 artigos distintos entre si. Destes, sete artigos eram de áreas de conhecimento distintas das Artes Cênicas, restando na amostra 30 textos. Ao ler tais trabalhos, identifiquei apenas oito que realmente relatavam pesquisas com participantes.

Nos demais artigos listados na busca, a maioria usou as categorias buscadas (pobre, pobreza, vulnerabilidade, precariedade) como coadjuvantes. Assim, não foi possível recuperar tal produção a partir de seu uso protagonista, porquanto tais usos referem-se a coisas diversas, como o título da obra de Walter Benjamin (1987), *Experiência e Pobreza*, ou se referem *en passant* como qualificativo de alguma situação, não exatamente a qualificação da situação em que se encontram os(as) participantes da pesquisa relatada. Nesse grupo de artigos descartados estão, ainda, aqueles assinados por pesquisadores(as) estrangeiros(as), para me deter apenas na produção nacional.



Dessa forma, procurei verificar na leitura dos oito artigos recuperados quais efetivamente relatavam pesquisas com participantes em situação de pobreza, usando diretamente as palavras elencadas para a descrição do contexto em que vivem ou, de forma indireta, por intermédio de outras informações.

Em função da pouca recorrência dos termos perscrutados nos oito trabalhos analisados, selecionei três artigos, um de cada periódico, como exemplo da ausência de tais marcadores na descrição dos/as participantes. Para tal seleção, procurei focar na forma por intermédio da qual autores e autoras descrevem os(as) participantes da pesquisa e/ou o contexto em que vivem. Esses três exemplos representaram os trabalhos nos quais as evidências do contexto no qual viviam os e as participantes eram mais nítidas.

Isso se deu corroborando a hipótese inicial que me conduziu à leitura do escopo selecionado: de que há, nessa ausência, não uma falha de rigor, mas uma atitude ética e de cuidado para com aqueles e aquelas que vivem em situação de pobreza. Para acompanhar tal postura, nossa rede de pesquisa tem adotado a expressão *situação de pobreza* para marcar o caráter provisório da condição a que determinados brasileiros/as estão submetidos/as, evitando com a palavra *pobres* catalisar uma situação permanente e, sobretudo, como se verá adiante, plasmar nessa problemática a ideia neoliberal de individualização e responsabilização sobre a situação de pobreza.

Uma análise não sistemática da produção

Os três artigos escolhidos são exemplares no que diz respeito à delicadeza como tratam os(as) participantes da pesquisa respectiva e seus contextos de inserção⁷. Há, como se viu, uma atitude de preservação das identidades de tais pessoas, assim como uma preocupação em escolher o vocabulário por intermédio do qual o contexto em que vivem é descrito.

⁷ Nos três artigos encontra-se interseccionalidade com categorias como gênero e raça. Entretanto, dado o formato curto de artigo, procurei explorar tais intersecções em trabalhos futuros. Por ora, é bom sublinhar que a questão das situações de pobreza é, de toda forma, sensível a marcadores distintos. Ao tomar a ideia de pobreza como fenômeno multidimensional, é preciso sublinhar que ser branco ou ser negro, ser cis ou trans, ser homossexual ou heterossexual, não é o mesmo, ainda que se esteja em situação de pobreza. Desse modo, falarei no plural acerca de situações de pobreza.



O primeiro exemplo é o artigo intitulado *Dirceu: a potência da composição performativa e suas micropolíticas* (Sampaio; Matos, 2019), publicado na Revista DAPesquisa, de autoria de Hildegarda Sampaio e Lúcia Helena Alfredi de Matos. Trata-se de uma análise do “[...] Núcleo do Dirceu nas composições estabelecidas com a comunidade do bairro Dirceu, em Teresina, durante o processo de criação da obra 1000 Casas, no período de 2011 a 2012” (Sampaio; Matos, 2019, p.37). A pesquisa mostra as interações dos/as sujeitos/as (participantes) envolvidos/as na performance, focando a noção de micropolíticas. Tal investigação toma a ideia de *precariedade* para pensar tal relação. É no contexto de uma citação da pesquisadora Eleonora Fabião, referência na área de Artes Cênicas no Brasil no campo da Performance, que a palavra *pobreza* aparece. Essa escolha, contudo, é secundária, haja vista que a terminologia acerca da pobreza e suas diferentes facetas não se configura no foco do trabalho em questão.

Os participantes da pesquisa, moradores de uma comunidade de Teresina, no Piauí, nordeste do Brasil, são apresentados no artigo em tela como vulneráveis. Logo de início, a região Nordeste, na qual está localizada a cidade e o bairro em que a pesquisa foi realizada, é descrita como “região ainda considerada a mais vulnerável em relação aos dados sociais e econômicos do país” (Sampaio; Matos, 2019, p.38). O bairro, chamado *Dirceu*, é apresentado com os descritores comunidade e periferia. O contexto é qualificado como “árido” (Sampaio; Matos, 2019, p.40). Não obstante tais expressões, o artigo se concentra não apenas em classificar o contexto sobre o qual trabalha como *precário*, mas problematiza o conceito de *precariedade* como forma por intermédio da qual dá a ver aos/às leitores/as as questões que lhes são caras.

Não se trata aqui de entrar nos detalhes do texto, o que me interessa em particular é perceber a forma pela qual as autoras evitam o termo *pobreza*. Como já dito, isso não implica numa diminuição da qualidade da pesquisa relatada, tampouco minimiza seu impacto para a área, mas tende a ajudar a pensar no porquê de tais escolhas serem comuns, não apenas a essas autoras, mas como tendência da pesquisa em Artes Cênicas no Brasil.

Ainda que não nomeados como pobres ou pessoas em *situação de pobreza*, evidentemente, compreende-se tal contexto por intermédio de palavras correlatas

que o artigo emprega muito bem.

Exemplo diferente, mas igualmente ilustrativo de nossa questão, é o artigo *Sonoridades em espaços cênicos alternativos – experiências de gestão do Espaço PÉ DiReitO*, de autoria de Pedro Martins e César Lignelli (2022), publicado na Revista Urdimento, que discute as “sonoridades da cena e a experiência de 10 anos da gestão do Espaço PÉ DiReitO” (Martins; Lignelli, 2022, p.2), grupo de teatro do Distrito Federal. O texto se concentra em mostrar as “possibilidades de resolução criativas” (Martins; Lignelli, 2022, p.2) desse coletivo.

O coletivo é descrito no texto de forma muito delicada – como pode-se ver quanto à escolha dos qualitativos usados para mostrar o contexto no qual está inserido. Dessa forma, lê-se que o espaço “alternativo”, como é qualificado, localiza-se em uma “periferia tão diferente do restante da capital” (Martins; Lignelli, 2022, p.5), que, embora numa área não distante da capital, “trata-se de uma comunidade que lembra, de alguma forma, uma cidade do interior” (Martins; Lignelli, 2022, p.5).

Os autores seguem qualificando o contexto na descrição do espaço alternativo, objeto do artigo, lembrando que o espaço está atravessado pela “escassez que nos perpassa” (Martins; Lignelli, 2022, p.13). Na análise das soluções encontradas para viabilizar uma sonoridade de qualidade para os espetáculos ali apresentados, o texto mostra como as precariedades, ou seja, as privações, são enfrentadas pelos artistas e técnicos do espaço, problematizando as funções de produtor e gestor.

O terceiro e último exemplo escolhido para ilustrar a forma como os contextos são descritos nos trabalhos de pesquisa é o artigo *Corpo Brincante: a presença travesti nas performances dos quilombos de Reisado*, de autoria de Ribamar José de Oliveira Junior (2022), publicado na Revista Brasileira de Estudos da Presença.

Nesse trabalho, o autor analisa “[...] a performance dos quilombos de Reisado a partir da presença travesti na cultura popular de Juazeiro do Norte, região do Cariri, interior do Ceará” (Oliveira Junior, 2022, p.1), evidenciando, especialmente, a presença de uma mestra travesti e o *encantamento* e a força da brincadeira



popular.

O texto é muito respeitoso e delicado ao tratar os(as) participantes da pesquisa, articulando uma ponderada terminologia ao descrever as performances e as situações de preparação das brincadeiras. Não há, todavia, uma descrição do contexto no qual ocorrem, entretanto, é razoável supor tal âmbito como um espaço permeado por precariedades, uma vez que as imagens inseridas no artigo *falam* por si. Tais imagens apresentam os figurinos da brincadeira, cenas e locais nos quais os(as) brincantes se preparam ou guardam seus acessórios. Assim, deixam entrever ao fundo moradias populares, ruas com pavimentação precária, espaços apertados e humildes, roupas simples. Deduz-se, pelas imagens, tratar-se de um contexto de privações.

O cuidado em evitar, entretantes, a descrição com qualitativos ou derivativos da ideia de pobreza resume bem nossa intenção de realçar, neste artigo, o delicado papel de pesquisadores e pesquisadoras, ao evitar nomear tais contextos como pobres e tais participantes como pessoas *vivendo em situação de pobreza*, visto o peso que uma descrição dessa natureza teria sobre o que se descreve.

A performatividade neoliberal da situação de pobreza

Tomo o conceito de *performatividade* como a capacidade ou o modo por intermédio do qual as práticas (ou as condutas) fazem alguma coisa, transformam os sujeitos envolvidos ou, ainda, produzem efeitos.

O termo não é novo em nosso meio, ao contrário, toda a produção relativa aos Estudos da Performance está baseada, na sua origem, naquilo que John Austin (1990) chamou de “performatividade da linguagem”.

Como já desenvolvi em outros trabalhos (Haas; Icle, 2021), Austin pensou (especialmente em seu trabalho ulterior) que, na linguagem, haveria uma função performativa, na medida em que as palavras possuíam a capacidade de construir o mundo, ou seja, falar não é um ato inocente, mas produz efeitos no interior das relações sociais a que correspondem. Dessa forma, o performativo situa o sujeito não apenas como alguém que diz, mas como alguém que é dito pelo discurso. Por certo, adoto aqui o sentido de discurso proveniente da obra de Michel Foucault

(2001, p.123, tradução minha), que o toma não apenas “como o conjunto de coisas que se diz, nem como a maneira de dizê-las”⁸. Discurso, nessa acepção, é mais amplo e não se resume, como se vê, ao dito, mas a um conjunto de elementos, a um conjunto de enunciados, diria Foucault. Estes, por sua vez, não são exatamente compatíveis com as enunciações individuais, com os atos de dizer, pois o discurso “[...] está ainda no que não se diz, ou que se faz por gestos, atitudes, maneiras de ser, esquemas de conduta, arranjos espaciais”⁹ (Foucault, 2001 [1976], p.123, tradução minha). A noção de discurso comporta um efeito de produzir nos sujeitos formas de ser. O discurso não é aquilo que dizemos, mas aquilo que opera conosco para que o possamos dizer. Tal efeito é performativo, porquanto faz alguma coisa e o faz produzindo-nos como sujeitos do discurso.

Dessa forma, o que o termo *performatividade* nos ajuda aqui a entender é que aquilo que se fala da e sobre pobreza é uma construção, de que não há nada de naturalizado nela, produzindo-se como um discurso que enquadra determinados sujeitos como sendo pobres. Há, portanto, nesse modo de pensar a possibilidade de entenderem-se diferentes discursos sobre e com a pobreza. Interessa aqui, sobremaneira, tomar os discursos atravessados pelo plano do neoliberalismo, isto é, recompor o essencial do discurso neoliberal sobre a pobreza.

Vejamos o que isso pode significar para os nossos propósitos.

Não seria difícil lembrar que, entre nós, circula uma concepção de pobreza altamente individualizada. Ela é, com efeito, fruto de um conjunto de construções que nos atravessa desde os tempos do liberalismo¹⁰. Entretanto, sua cara mais nova é tratada pela literatura especializada como neoliberal (veja-se, por exemplo, o trabalho de Dardot e Laval, 2016).

Segundo essa renovação do liberalismo, ou seja, da redução ao Estado

⁸ [...] comme l'ensemble des chose qu'on dit, ni comme la manière de les dire (Foucault, 2001 [1976], p.123). (Tradução nossa).

⁹ [...] il est tout autant dans ce qu'on ne dit pas, ou qui se marque par de geste, des attitudes, des manières d'être, des schémas de comportement, des aménagements spatiaux (Foucault, 2001 [1976], p.123). (Tradução nossa).

¹⁰ Liberalismo aqui alude à doutrina liberal, que tem por princípios os direitos individuais, a proteção da liberdade e da propriedade, além do entusiasmo pelo livre comércio.



mínimo, o problema da pobreza está calcado na dimensão individual, assim “[...] a pobreza pode ser compreendida como fruto de diferenças pessoais hierarquizantes que legitimam a coexistência das desigualdades sociais” (Duarte, 2012, p.39).

O neoliberalismo, portanto, entende a pobreza não apenas como algo aceitável, na medida em que a economia de mercado pode conviver bem com certo nível de pobreza em determinadas circunstâncias, mas, ainda, como um problema individualizado e individual: nesse entendimento sugere-se que, em determinados grupos, as pessoas não teriam condições para evitar tal situação em função das suas poucas capacidades. Essa linha de argumentação compreende a pobreza como resultado da falta de ação individual, tratando-se de nada mais senão uma falta de esforço. Dito de outro modo, “[...] a perspectiva liberal compreende a pobreza como ausência de empreendedorismo e esforço pessoal” (Duarte, 2012, p.39). Empreendedorismo é, aliás, uma palavra-chave para esse esforço ou a falta dele. Na perspectiva do empreendedorismo, a fórmula é simples: o esforço leva ao resultado. Tal pensamento desconsidera as construções históricas e sociais às quais os indivíduos e os grupos sociais estão sujeitos.

Como problema individual, a pobreza seria facilmente evitada pela ação empreendedora de um indivíduo que precisa ajustar-se às necessidades do mercado, tornando-se, ele mesmo, empreendedor de si mesmo. Não é difícil recordar o quanto essa aceção de pobreza circula entre nós nos discursos da Educação, das Mídias, nas Redes Sociais. Ela performatiza, por conseguinte, um modo de ver a pobreza com foco no indivíduo.

Não obstante as críticas que essa concepção tem recebido, entende-se “[...] a pobreza como problema pessoal ao qual o Estado aporta possibilidades assistencialistas, mas na interpretação de que essa situação é um problema pessoal” (Duarte, 2012, p.40). Tal aceção, assim, incrementa posições nas quais o Estado (mínimo) não garante os direitos dos indivíduos, mas atua como coadjuvante para empreendedores, eles próprios, modificarem suas reais possibilidades de vida.

Ao analisar o pensamento do economista neoliberal Friedrich Hayek, Fabrício

Fontes Andrade (2019, p.6) pondera que “[...] a perspectiva neoliberal de Estado se funda na ideia de que o bem-estar coletivo, realizado [pela] ação individual, é um resultado inconsciente da motivação individual e racional pelo ganho econômico”. Ou seja, o bem-estar comum seria a soma dos esforços de cada um e cada uma. Tal noção minimiza os determinantes sociais e culturais e os marcadores de etnia/raça, idade, sexualidade, gênero, classe social.

Todavia, vale ressaltar que aqui não se busca aprofundar o debate sobre a concepção neoliberal de pobreza, mas reconhecer, para os propósitos deste artigo, os seus efeitos discursivos. De um lado, pessoas em situação de pobreza podem sentir vergonha e humilhação, além de perceberem-se em condição subalterna em relação a pessoas não pobres. De outro, pessoas não pobres podem ter preconceitos em relação a pessoas em situação de pobreza, acreditando que tal condição se deve a uma falta de ação individual. Essa última dimensão preconceituosa sobre pessoas em situação de pobreza é conhecida como “aporofobia”, ou seja, “[...] rejeição, aversão, temor e desprezo ao pobre, ao desamparado que, ao menos aparentemente, não pode devolver nada de bom em troca” (Cortina, 2020, p.24).

Na primeira dimensão discursiva dos efeitos da noção neoliberal, reconhecer-se pobre – levando em consideração tais formações discursivas – significa admitir um fracasso individual frente ao grupo social a que se pertence. Isso, como consequência, pode acarretar vergonha. O indivíduo pode sentir-se humilhado, cerceado de antemão a penetrar em certos círculos sociais e/ou laborais.

A ideia de empreendedorismo, por exemplo, carrega em si uma dualidade bem particular. O empreendedorismo é uma ação individual, na concepção corrente entre nós, segundo a qual se produzem riquezas para o bem individual, alijada de determinantes sociais ou econômicos de base. Assim, é preciso desconsiderar, por exemplo, que uma pessoa não escolarizada tem menos oportunidades do que uma pessoa escolarizada (além de inúmeros outros fatores ou exemplos que poderiam ser aqui arrolados), para se acreditar que a situação de pobreza na qual se encontra é fruto da falta de ação ou da falta de competência mínima para pôr em prática um projeto de vida que lhe garanta o bem-estar. Tal visão acarreta, portanto, a ideia de derrota, visto que o embate ou a busca pelo



bem-estar é tido como uma guerra na qual há ganhadores e perdedores. A derrota tem como consequência inevitável a sensação de fracasso.

Tal fracasso não está de modo algum localizado nas relações sociais e econômicas nas quais os indivíduos estão mergulhados, mas na ideia de um fracasso individual, decorrente da preguiça em trabalhar ou da incapacidade em fazê-lo.

De outro lado, a dimensão social dos efeitos da visão neoliberal de pobreza produz a sensação de culpabilidade sobre o outro, o outro pobre. Esse outro pobre é tomado pelos demais como responsável único por sua situação e, assim, produz mais uma forma de discriminação: a *aporfobia*, termo cunhado pela espanhola Adela Cortina (2020) que, como já mencionado, comporta o debate sobre a aversão às pessoas em situação de pobreza.

Segundo a autora espanhola, esse tipo de aversão às pessoas pobres está contido em várias outras fobias, como a xenofobia e o racismo, entretanto “[...] é mais extensa e profunda do que os demais tipos de aversão e é uma realidade pessoal e social contundente” (Cortina, 2020, p.35).

Como observável, tal aversão não é, senão, fruto de uma concepção neoliberal das situações de pobreza, produzindo efeitos desde o seu interior, desde a forma como tais discursos circulam e nos produzem como sujeitos. É evidente, assim, que ambos os efeitos apresentam potencialmente formas de exclusão social, extraindo de pessoas em situação de pobreza seus direitos¹¹ e intensificando tais processos.

Serge Paugam (2016), sociólogo francês, propõe pensar as percepções em relação à pobreza a partir de três marcadores: naturalização, culpabilização e vitimização. Trata-se de um diagnóstico tríptico que pode ajudar a compreender como os discursos neoliberais sobre a pobreza se complexificam para produzir em nossas sociedades formas de ver as pessoas em situação de pobreza, tanto desde uma perspectiva da percepção do próprio sujeito considerado, quanto da

¹¹ Pretendo desenvolver em outros artigos a ideia da situação de pobreza como privação de direitos, em função do formato curto do artigo. Tal noção provém, especialmente, das produções do economista indiano Amartya Sen (2000).

percepção do sujeito que se considera não pobre.

Aqui há um jogo de perceber-se ou não nessa situação (tendendo, em muitos casos, a evitar se ver como em situação de pobreza, em função da possibilidade de humilhação), no qual diferentes percepções sobre ser ou não ser pobre atuam como mecanismo de proteção que procuraria minimizar os efeitos nocivos de tal marca.

A naturalização da pobreza, diz Paugam (2016, p. 125), faz parte desse jogo, associada às

[...] representações sociais como uma ordem social imutável na qual os pobres são inferiorizados e integrados. Estes últimos têm a sensação de pertencer ao que se pode chamar de ‘comunidade do destino’: o sistema de desigualdades é tão rígido que eles sabem que não têm nenhuma chance de melhorar sua sorte; a única maneira de sobreviver é contar com seus entes próximos [...]¹².

Trata-se, então, da percepção de si próprio como irremediavelmente pobre ou a um grupo social classificado como tal e sobre o qual incidem os efeitos da aporofobia. Da mesma forma, nesse jogo tríplice de um sistema intrincado de percepções, como efeito de discursos neoliberais em circulação, pode haver, ainda, a culpabilização. Para Paugam, trama-se, no interior dos discursos sobre a pobreza, as ideias inatas de naturalização, assim como a culpabilização como

[...] reflexo da importância dada à noção de mérito. Os pobres não seriam naturalmente pobres, como [na naturalização], pois espera-se que eles não estejam satisfeitos com sua condição; mas a peculiaridade da ideologia do voluntarismo e do mérito não elimina, ao menos não inteiramente, a crença compartilhada de que a pobreza pode considerar as desigualdades de capacidades e, conseqüentemente, as qualidades consideradas como ‘inatas’. A ambigüidade dos discursos baseados no mérito é que, muitas vezes, eles entrelaçam argumentos baseados em características inatas e adquiridas¹³ (Paugam, 2016, p.135, tradução minha).

¹² [...] représentations sociales à un ordre social immuable où les pauvres sont tout à la fois infériorisés et intégrés. Ces derniers ont le sentiment d'appartenir à ce que l'on peut appeler une 'communauté de destin': le système des inégalités est si rigide qu'ils savent n'avoir aucune chance d'améliorer leur sort; la seule solution pour survivre est de compter sur leurs proches [...] (Paugam, 2016, p.125). (Tradução nossa).

¹³ [...] le reflet de l'importance donnée à la notion de mérite. Les pauvres ne sont pas naturellement pauvres, comme dans la configuration précédente, puisque l'on attend d'eux qu'ils ne se satisfassent pas de leur condition; mais la particularité de l'idéologie du volontarisme et du mérite ne se débarrasse pas pour autant entièrement de la croyance partagée que la pauvreté peut consacrer aussi les inégalités de dons et, par conséquent, les qualités considérées comme 'innées'. L'ambigüité des discours fondés sur le mérite est qu'ils entremêlent très souvent des arguments qui s'appuient sur des caractères aussi bien innés qu'acquis (Paugam, 2016, p.135). (Tradução nossa).



Foucault, por sua vez, explica que o não dito, assim como o contrário, faz parte do discurso, por isso pode-se compreender os elos entre ideias aparentemente diversas e mesmo contrárias e a circulação dos discursos. Aqui é o caso da aparente oposição entre naturalização e culpabilização, de um lado, e vitimização, de outro. Apenas aparentemente a vitimização seria um oposto à naturalização, pois “[...] não é por pensarmos de maneiras diferentes ou por sustentarmos teses contraditórias que os discursos se opõem” (Foucault, 2001, p.220). Assim sendo, pode-se compreender como Paugam descreve determinadas sociedades como preocupadas com as situações de pobreza, de maneira a imaginar políticas de minimização de tal situação. No entanto, segundo ele, pessoas em situação de pobreza

[...] são mais frequentemente vistas como vítimas com as quais devemos intervir de forma mais massiva. neste tipo de configuração, todas as categorias, por mais diferentes que sejam, têm direito a um status social aceitável em relação ao princípio da igualdade cívica, mas isso não implica, porém, igualdade de condições de vida (Paugam, 2016, p.138).

O sociólogo francês mostra como a noção de mérito continua exercendo, ainda assim, seu papel no jogo da vitimização – ela mesma um dispositivo para manter as desigualdades. Vitimização, com efeito, circula como uma espécie de aliada da naturalização e da culpabilização, cumprindo o papel de fazer com que a pobreza continue sendo sustentada na trama de discursos que circulam e se renovam.

Eis o jogo circular e profundamente excludente dos discursos neoliberais sobre a pobreza, quais sejam, uma trama entre naturalização, culpabilização, vitimização; percepções de derrota, humilhação, sensações de subalternidade, processos de sofrimento individual e social.

Não é difícil, com efeito, entender o porquê de as pesquisas no campo das Artes Cênicas evitarem qualificar seus(suas) participantes como pessoas em situação de pobreza. Tal conduta (a de evitar essa qualificação) responde a esse delicado fio da navalha que os impasses éticos supõem, como se verá a seguir.



Uma ética na ausência

Ética é termo de difícil definição, porquanto aluda a diferentes acepções e usos. Na pesquisa, a ética constitui dimensão incontornável, cada vez mais presente nas discussões acadêmicas no Brasil, especialmente a partir dos anos 1990.

Nadja Hermann (2019, p.29), depois de situar a ética como campo de estudo da filosofia, lembra que, de modo geral, a ética “[...] se estabelece na busca de orientações justificadas para o agir que resultem em um certo equilíbrio entre a pulsão irracional e seu domínio pela razão”. Portanto, ética tem relação íntima com as condutas, com as ações e, sobretudo, com as escolhas que todos fazemos diante dos problemas.

Vê-se, assim, sua importância na pesquisa, uma vez que as atitudes dos e das pesquisadores e pesquisadoras atendem sempre a determinados interesses e partem de uma visão de mundo na qual estamos todos/as mergulhados/as. Dessa maneira, a ética na pesquisa “detém-se na discussão das consequências atuais e futuras de decisões” (Hermann, 2019, p.34).

Tais decisões são deveras marcantes quando se pensa que elas podem ter consequências reais na vida das pessoas implicadas nas pesquisas. Por isso, a ética na pesquisa se ocupa em refletir, em particular, sobre as pesquisas com seres humanos. Evidentemente, as pesquisas nas áreas de saúde possuem especificidades nas suas consequências, porquanto elas podem produzir efeitos negativos no corpo dos e das participantes, uma vez que testam medicamentos, procedimentos ou procuram diagnosticar doenças, por exemplo.

Nas Ciências Humanas, nas Letras e nas Artes as pesquisas não envolvem injetar substâncias, testar medicamentos ou colocar os seres humanos em situação de risco à saúde ou a integridade física¹⁴, entretanto, visto o caráter performativo da palavra, como mencionei há pouco, é essa dimensão que compõe o principal risco desse tipo de pesquisa¹⁵. Assim, dizer sobre os e as participantes

¹⁴ Ainda que, numa oficina de dança, circo ou teatro, por exemplo, organizado por pesquisadores(as), com o intuito de produzir dados de pesquisa, os/as participantes possam se ferir fisicamente.

¹⁵ Segundo Motta e Araújo (2017) há um consenso, apesar das controvérsias em torno da validação de



pode aduzir a uma dimensão delicada da vida e atingir diretamente a dignidade da pessoa. A palavra, numa entrevista ou na descrição do contexto da pesquisa, uma vez divulgada, pode ferir como uma agulha, pode constranger ou, ainda, pode afetar de forma negativa os seres humanos. A dimensão performativa da palavra significa dizer que ela faz alguma coisa, ela produz efeitos.

É preciso lembrar que a ética em pesquisa advém justamente da preocupação com a dignidade. Hermann (2019, p.35) diz que

A reivindicação da ética em pesquisa embasa-se nos fundamentos éticos da dignidade humana, da liberdade e da diversidade de indivíduos e grupos sociais, assim como princípios de integridade, transparência e responsabilidade na condução da pesquisa e de seus resultados.

Dessa forma, a relação da ética com tais princípios implica condutas refletidas, pensadas e articuladas entre si para garantir a preservação dos direitos dos e das participantes, visto que se trata de medir e prever as consequências que as relações com os seres humanos produzem, entretantes toma-se a ética “[...] como um modo de estabelecer relações com o outro e com o mundo que nos circunda” (Silva, 2010, p.11).

É preciso lembrar, contudo, que a ética não é a moral, esta última ligada mais a um conjunto de regras fixas, as quais, em geral, relaciona-se de modo inequívoco. A ética na pesquisa, como, de fato, a ética nas condutas em geral, tem a ver com os impasses, as dúvidas, as exceções; as possibilidades éticas se apresentam nos momentos de crise, de dúvida. Assim, pode-se dizer que “[...] enquanto a moral é uma espécie de lista de regras ou princípios que herdamos e, ao mesmo tempo, escolhemos de nossa cultura, a ética está relacionada àquilo que acontece quando você precisa tomar uma decisão em uma situação que foge à regra [...]” (Pessoa, 2020, p.26).

É sobre esta situação, que foge à regra, que a ética precisa agir. É por isso que é perceptível, na ausência do marcador *pobreza* ou de expressões como *pessoas vivendo em situação de pobreza* nas pesquisas analisadas, a presença de

pesquisas por comitês de ética que se deve “[...] assegurar a proteção e o respeito aos direitos dos seres humanos que participam de uma pesquisa” (2017, p.63).



uma ética.

Dizer *pobre*, portanto, pode significar um perigo, um risco à dignidade, não porque ser pobre é uma condição *sine qua non*, mas porque o discurso perverso da pobreza, na acepção neoliberal, marca os corpos de pessoas pobres com o signo do fracasso.

Além do mais, é preciso dizer e lembrar que o discurso não remonta apenas àquilo que dizemos sobre alguma coisa, ele é, na acepção aqui integrada, notadamente aquela cunhada por Michel Foucault, como o conjunto das operações que nos produzem como sujeitos de um tempo.

Tal dimensão, a do discurso, garante, como consequência, que o que dizemos produz o mundo à nossa volta, ou seja, produzimos determinadas acepções de pobreza e, assim, as pesquisas que aludem a essas situações acabam criando uma lacuna, uma ausência em dizer, em minha hipótese, não como uma falha metodológica, mas como um cuidado com os seres humanos envolvidos.

O discurso neoliberal sobre as situações de pobreza é tão marcadamente integrado ao nosso pensamento euro-americano que resistir a ele é tarefa difícil para a pesquisa em Artes Cênicas, porquanto tal resistência pode produzir efeitos inversos àqueles desejados, de combate à pobreza, quais sejam, o de constranger aqueles e aquelas que porventura se sintam atingidos por essa insígnia em seus corpos: o de se encontrar em tal situação.

Não obstante, a importância de tais discursos serem analisados, e encontrarem-se soluções como área de conhecimento, apresenta-se como “[...] uma efetiva inscrição ao lado de todos os que batalham contra o que nos cinge, nos limita, exatamente agora, neste momento da história, atentos aos perigos deste tempo” (Marcello; Fischer, 2014, p.172).

Como bem alude Foucault (2004 [1970]), os perigos estão por todos os lados, basta falar. Reconhecer tais perigos nos ajudaria, por fim, assim espero, a fazer andar o conjunto das produções na área, atentos ao fato de que as *éticas da ausência*, presentes nos artigos que aqui foram analisados, comportam silêncios plenos de sentidos.



Referências

- ANDRADE, Fabrício Fontes. A pobreza e seu enfrentamento na perspectiva neoliberal: focalização nos pobres e mercado. *Revista Qualitas Eletrônica*, Campina Grande, v.20, n.3, p.01-18, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18391/req.v20i3.5402>. Acesso em: 25 abr. 2023.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Mágia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CORTINA, Adela. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.
- CRESCO, Antônio Pedro Albernaz; GUROVITZ, Elaine. A pobreza como um fenômeno multidimensional. *RAE eletrônica*, São Paulo, v.1, n.2, p.1-12, Dec. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1676-56482002000200003>. Acesso em: 2 maio 2023.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo*. Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Natalia. *Política Social: um estudo sobre educação e pobreza*. 2012. Tese (Doutorado em Política Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Le discours ne doit pas être pris come.... In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II 1976-1988*. Paris: Gallimard, 2001. p.123-124.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HAAS, Marta; ICLE, Gilberto. Entre o Trauma e a Performance: estratégias para romper com o passado de violência e coletivizar a memória. *Revista Cena*, Porto Alegre: UFRGS, v. 33, p. 74-85, 2021. Disponível em: <http://https://doi.org/10.22456/2236-3254.108660>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- HERMANN, Nadja. Ética. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. *Ética e pesquisa em Educação: subsídios*. Rio de Janeiro: ANPED, 2019. p.27-35.
- MARCELLO, Fabiana de A.; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. *Pró-Posições*, Campinas, UNICAMP, v.25, n.2, p.157-175, maio 2014. Acessível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000200009> Acesso em: 28 abr. 2023.
- MARTINS, Pedro; LIGNELLI, César. Sonoridades em espaços cênicos alternativos – experiências de gestão do Espaço PÉ DiReito. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, UDESC, v.3, n.45, p.1-36, 2022. Disponível em: 10.5965/1414573103452022e0108. Acesso em: 27 abr. 2023.



MOTTA, Maria da Graça Corso da; ARAÚJO, Claudia Adriana Dornelles de. A História e os Itinerários da Ética em Pesquisa no Escopo da UFRGS. In: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker. *Ética e Pesquisa em Educação: questões e proposições às ciências humanas e sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2017, p.63-76.

OLIVEIRA JUNIOR, Ribamar José de. Corpo Brincante: a presença travesti nas performances dos quilombos de Reisado. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, UFRGS, v.12, n.3, p.e118634, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-2660118634vs01> Acesso em: 02 mar. 2023.

PAUGAM, Serge. La perception de la pauvreté sous l'angle de la théorie de l'attachement: naturalisation, culpabilisation et victimisation. *Communications*, 98, 2016, p.125-146. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/commu.098.0125> Acessado em: 10 maio 2023.

PESSOA, Desirée. *Éticas no Teatro II – O corpo aberto às éticas experimentais*. São Leopoldo: Oikos, 2020.

SAMPAIO, Hildegarda; MATOS, Lucia Helena A. de. Dirceu: a potência da composição performativa e suas micropolíticas. *DAPesquisa*, Florianópolis, UDESC, v.14, n.24, p.037-051, 2019. Disponível em: 10.5965/1808312914242019037. Acesso em: 8 abr. 2023.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA, Tatielle Rita de Souza. *Impasses éticos ou um testemunho da experiência pedagógica*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Recebido em: 11/05/2023

Aprovado em: 06/06/2023